



O NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS E A INTERVENÇÃO LUDOTERÁPICA EM UM GRUPO INFANTIL DIANTE DA VULNERABILIDADE SOCIAL

FEHN, K. E.¹; GUIMARÃES², B. R.; PEREIRA, L. H. R.³; DIEHL, A. H.⁴

Nae; Intervenção Ludoterápica; Grupo Infantil; Vulnerabilidade Social.

INTRODUÇÃO

Com o surgimento da infância, há anos atrás, se torna necessário maior atenção e estudos sobre o tema, muito delicado e importante. O Núcleo de Apoio às Escolas (NAE) lida com o tema da infância diretamente, e por ser um projeto desenvolvido pelo curso de Psicologia da Ulbra de Santa Maria, procura atender a população situada aos arredores da Universidade, ou seja, uma população mais propícia à vulnerabilidade social. Essa vulnerabilidade social remete a ideia de fragilidade e dependência, o que vem a se confirmar pelas demandas que surgem ao programa. Carneiro e Veiga (2004) definem vulnerabilidade como exposição a riscos e baixa capacidade material, simbólica e comportamental de famílias e pessoas para enfrentar e superar os desafios com que se defrontam. Portanto, os riscos estão associados, por um lado, com situações próprias do ciclo de vida das pessoas e, por outro, com condições das famílias, da comunidade e do ambiente em que as pessoas se desenvolvem. Diante dessa demanda, observou-se a necessidade de intervenção com essas crianças que estão em vulnerabilidade social, intervenção essa realizada através de um grupo ludoterápico. Os efeitos dessa vulnerabilidade vêm a se expressar nessas crianças através de dificuldades escolares, na saúde, assim como nas relações afetivas, e principalmente no convívio social. A ludoterapia, utilizada para intervenção no grupo, é vista como um meio natural da criança se expressar, assim sendo possível que a criança seja olhada em suas questões, e não apenas pelo seu sintoma ou queixa inicial da escola. Diferentemente dos adultos as crianças não conseguem fazer a associação livre. O brincar produz envolvimento emocional entre a criança e o terapeuta, tornando possível a terapia (COLOVINI E BERTOLIN, 2003).

O grupo então tem como objetivo principal examinar, através da ludoterapia, as mudanças no convívio social das crianças participantes de um grupo infantil. Além disso, pretende observar como se dá a interação entre os participantes do grupo,

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da ULBRA – Campus Santa Maria. E-mail: karolfehn@gmail.com

² Acadêmica do curso de Psicologia da ULBRA – Campus Santa Maria. E-mail: brunaguimaraes@gmail.com

³ Orientador do Projeto. Coordenador do Curso de Psicologia da ULBRA – Campus Santa Maria. E-mail: luishp7@yahoo.com.br

⁴ Colaboradora do Projeto. Psicóloga. Técnica responsável pela Clínica Escola de Psicologia da ULBRA – Campus Santa Maria. E-mail: amanda.diehl@ulbra.br





verificar como a ludoterapia tem se efetivado dentro do grupo, e entender como a vulnerabilidade social tem afetado essas crianças.

METODOLOGIA

O presente projeto é realizado em um grupo ludoterápico infantil através de uma pesquisa de campo, do tipo exploratória. Tem como objetivo examinar, através da ludoterapia, as mudanças no convívio social das crianças participantes de um grupo infantil. O estudo se iniciou no primeiro semestre do ano de dois mil e dezoito (2018/1), na Universidade Luterana do Brasil, na unidade de Santa Maria – RS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo informações da Universidade Luterana do Brasil – Campus Santa Maria, o projeto NAE, visa oportunizar uma série de operações de caráter preventivo e de bem-estar. O projeto propõe acolher as crianças com encaminhamento escolar oriundas das escolas da região oeste da cidade de Santa Maria – RS, tendo como objetivo promover grupos terapêuticos com as crianças, bem como grupos de orientação aos pais e responsáveis. Possibilitar uma parceria entre a escola e psicologia em um vínculo que viabilize uma melhor relação entre esses campos, visando auxiliar principalmente a criança em seu convívio social, mediante as intercorrências que influenciam seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. O acolhimento é feito através da identificação da demanda, fazendo primeiramente a entrevista de triagem com pais ou responsáveis, e logo individuais com as crianças. A sua metodologia é de intervenção em grupo, no qual são aplicados dinâmicas e outras atividades, no sentido de reconhecer as necessidades da criança e buscar a promoção de um ambiente onde esta possa socializar e internalizar as relações e comportamentos saudáveis na sociedade.

Nas intervenções em grupo, são aplicadas dinâmicas e outras atividades, no sentido de reconhecer as necessidades da criança e buscar a promoção de um ambiente onde esta possa socializar e internalizar as relações e comportamentos saudáveis na sociedade. Segundo Deakin (2008), a psicoterapia com crianças pode ser definida como uma intervenção que visa atender problemas diversos, que causam estresse emocional, interfere no dia-a-dia da criança, dificultam o desenvolvimento das habilidades adaptativas e/ou ameaçam o bem-estar da criança e dos outros à sua volta. Diante da demanda que nos foi apresentada pelo NAE, viu-se a necessidade da criação de um grupo de crianças, grupo sobre o qual é focado e refletido ao desenvolvermos o presente artigo, onde as intervenções que ocorrem são através da ludoterapia. Podemos definir a ludoterapia como “...uma relação interpessoal dinâmica entre a criança e um terapeuta treinado em ludoterapia que providencia a esta um conjunto variado de brinquedos e uma relação terapêutica segura de forma que possa expressar e explorar plenamente o seu self (sentimentos, pensamentos, experiências, comportamentos) através do seu meio natural de comunicação: o brincar.” (Landreth, 2002, p. 16). Axline (1972) esclarece que, a ludoterapia não diretiva, se baliza pela premissa de que o sujeito possui dentro de si a capacidade para resolver seus próprios problemas. Nesta forma de terapia o





indivíduo pode ser ele mesmo, expressando o que ele é sem nenhum tipo de imposição. O grupo é uma forma de experimentar algo com os componentes e encontrar possibilidades diferentes, construindo novas alternativas, modos de subjetivação e existência. Bleichmar (1995) descreve o dispositivo grupal como algo que proporciona a criança por um lado um continente, um lugar de projeção e de expressão, e por outro lado, um enquadre figurativo, uma armação simbólica dos sistemas de relação com o semelhante. E, portanto, nossa função como operadores de grupo estaria centrada em favorecer ao máximo esses objetivos. Os grupos têm a vantagem de ser uma espécie de “mundinho ilhado” no qual o comportamento presente pode ser experienciado, e novos comportamentos experimentados. O trabalho de grupo é a situação ideal para crianças que precisam praticar suas habilidades contratuais. É natural para a maioria das crianças procurar outras crianças. Ao oferecer um palco para aqueles que têm dificuldade em se relacionar com seus pares, estamos ajudando-as a descobrir e elaborar o que quer que esteja bloqueando este processo natural. Uma perspectiva sócio-interacionista do desenvolvimento humano, elaborada a partir dos trabalhos de G. M. Mead (1972), Vygotsky (1978, 1986) e Wallon (1942, 1949, 1959), afirma que a mente, o conhecimento, a linguagem, e o Eu (self) do indivíduo são construídos através das interações que ele estabelece, desde o nascimento, com outros indivíduos em ambientes sociais, especialmente naqueles organizados pelos adultos de acordo com suas concepções sobre o desenvolvimento da criança e de como promovê-lo. Assim, o funcionamento intersubjetivo em atividades culturais constitui uma condição necessária para a formação de processos intrapsíquico. De acordo com Garton (1992), quanto mais cedo a criança se envolve nas relações sociais, mais benefícios obterá a curto ou longo prazo, tendo em vista as experiências e aprendizagens que resultam de tais interações. Na infância, existem dois sistemas de interação, além do sistema adulto-criança, há também o criança-criança. O contato com adultos auxilia bastante na parte de conhecimento sobre as regras de convivência, dos comportamentos aceitos e valorizados no seu meio, mas essa interação não contempla todas as outras habilidades desenvolvidas pelas crianças, pois o contato com outras pessoas da sua idade facilita a aprendizagem e ajuda a criança a entender os critérios de adaptação do seu ambiente. Além disso, o contato criança-criança faz com que elas aprendam coisas sozinhas, explorando possibilidades, favorecendo um desenvolvimento mais saudável e interativo (Saud & Tonelotto, 2005). A definição sobre vulnerabilidade remete à ideia de fragilidade e de dependência, que se conecta à situação de crianças e adolescentes, principalmente os de menor nível socioeconômico. Devido à fragilidade e dependência dos mais velhos, esse público torna-se muito submisso ao ambiente físico e social em que se encontra. Em determinadas situações, o estado de vulnerabilidade pode afetar a saúde, mesmo na ausência de doença, mas com o abalo do estado psicológico, social ou mental das crianças e dos adolescentes (Sierra e Mesquita, 2006). As crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são aquelas que vivem negativamente as consequências das desigualdades sociais; da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem abrupta da infância para a vida adulta; da falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura; da falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência; da inserção precoce no mundo do trabalho; da falta de





perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas (ABRAMOVAY, CASTRO, PINHEIRO, LIMA, MARTINELLI, 2002). Ademais, a personalidade e o comportamento de crianças e adolescentes podem torná-los mais vulneráveis aos riscos do envolvimento com drogas, gravidez precoce e prática do roubo. Considera-se que o indivíduo poderá também possuir um favorecimento genético para dependência química e vulnerabilidade psicofisiológica ao efeito de drogas (Sierra e Mesquita, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, através do levantamento de informações sobre grupos ludoterápicos, interação social e vulnerabilidade social, torna possível perceber a importância que é a efetivação dos trabalhos realizados no Núcleo de Apoio às Escolas (NAE), mais especificamente o grupo ludoterápico infantil. Há benefícios que podem vir a surgir através da ludoterapia em grupo, como com a interação dessas crianças com as demais, principalmente em um ambiente pensado para isso, gerando um melhor desenvolvimento de suas habilidades, de forma acompanhada por terapeutas. Além disso, o artigo aponta para a importância que vem a ser o trabalho realizado pelo NAE, lidando com diversas questões delicadas, dentre elas a vulnerabilidade social. Conclui-se então ser de grande importância que haja visibilidade diante de assuntos como esse, e que se torna necessário cada vez mais o aprofundamento de estudos sobre o assunto, assim como a realização de práticas com essas crianças, práticas as quais sempre são pensadas e adequadas às particularidades do grupo infantil.

REFERÊNCIAS

Abramovay, M; Castro, G. M.; Pinheiro, L. C.; Lima, F. S.; Martinelli, C.C. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO/ BID, 2002.

Axline, V. M. Estabelecendo o Rapport. In_ A dinâmica interior da criança: ludoterapia. Belo Horizonte: Interlivros, 1972. Cap. 8, 71-79.

Bleichmar, E D. Psicoterapia de grupo de crianças. In: Grupos, infância e subjetividade. Huguet, Cláudio R.; Volnovich, Jorge. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

Deakin, K. E. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. Rev. Psiquiatria-RS. 2008;30. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 15/08/18.





Garry L. Landreth, *Play Therapy: the Art of Relationship*, Nova Iorque: Brunner-Routledge, 2002, 2.^a edição.

Garton, A. F. (1992). *Social interaction and the development of language and cognition*. Hillsdale, USA: Lawrence Erlbaum.

Mead, George H. *Espiritu, Persona y Sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. Buenos Aires: Paidós, 1972.

Saud, L. F. & Tonelotto, J. M. F. (2005). Comportamento social n0a escola: diferenças entre gêneros e séries. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 47-57.

Sierra VM, Mesquita WA. Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. *São Paulo em Perspec* 2006;20:148-55.

Vygotsky, L S. *Mind in society*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

Vygotsky, L S. *Thought and language*. Cambridge: MIT Press, 1986.

Wallon, H. *Do l'acte a la penseé: essai de psychology compareé*. Paris, Flammarlon, 1942.

